



História Militar: Importância, Natureza, Aplicação e Evolução

L. P. Macedo Carvalho

Os fenômenos guerra e paz são coordenadas da curva da evolução das civilizações. Foi pela guerra que pereceram quase todas as civilizações conhecidas e foi também pelos conflitos bélicos que se projetaram as que passaram à História.

Nos dias atuais de globalização e de fragmentação, de entrecosques de civilizações, mais do que nunca se faz indispensável saber interpretar os sinais característicos da era em que se vive, ser capaz de reconhecer como a história do mundo se desenvolve, e quais são as prováveis tendências futuras da humanidade, e, ao mesmo tempo, identificar o interesse nacional para definir *o que e como fazer*, ou seja, a política e as estratégias. Aí avulta a importância de se possuir uma visão global da História Militar, para se delinear a ação política a ser desencadeada.

O estudo metódico da História Militar pode proporcionar uma valiosa visão em perspectiva para o exame crítico dos problemas contemporâneos.

A perspectiva histórica conduz ao senso de equilíbrio e encoraja a visão de longo alcance; con-

tribui para a conscientização de que a vida transcorre segundo um processo de mudança contínuo, ajudando, assim, a contrabalançar o excessivo otimismo, ou o excessivo pessimismo, em relação aos acontecimentos correntes. Mais ainda, ajudará a reavaliar os valores utilizados para pesar os feitos, os métodos e as decisões. Protegido do calor e das paixões dos argumentos partidários, pode-se, por exemplo, compreender algumas das vantagens e das dificuldades da subordinação das forças militares a uma direção civil.

O estudo da História contribui, no processo global intelectual, para chegar-se a um julgamento abalizado. Melhor do que testar hipóteses em busca de tendências futuras, a História trabalha com causa e efeito de fatos. Uma atenta leitura da História Militar pode auxiliar o desenvolvimento do que Lidell Hart denominou *abordagem científica*, a despeito de que se questione ser possível aprender estratégia em livros-textos da mesma maneira que se adquire conhecimentos acadêmicos. Ao longo dos tempos, a evolução da arte militar e das instituições castrenses sempre se fez sentir na vida das civilizações. Apesar do momento parecer inadequado diante da propalada inutilidade dos exércitos, da generalizada abolição do serviço militar obrigatório e do desaparecimento da noção de pátria – dado a guerra ter

sido ilusoriamente proscrita pelos organismos internacionais e a implantação da nova ordem mundial –, a História Militar escapou à condenação de limitar-se à história das instituições armadas e da nobre profissão de soldado.

Vale recordar que a Segunda Guerra Mundial causou 41 milhões de mortos, ou seja, da ordem de 2,3% da população mundial de então. Tais cifras mostram-se inferiores aos 11,2% do período de 1914 a 1918 e aos 10% do século XVII, mas devemos considerar haver o efetivo demográfico do planeta se multiplicado. Precisamos ainda ter em mente que a guerra, nos dias atuais, mata mais civis do que militares. O percentual de civis entre as perdas globais foi de 43% durante a Primeira Guerra Mundial, de 63% na Segunda, de 85% nos conflitos da década de 1980, superando em muito os 30% registrados na Revolução Francesa e nas Guerras Napoleônicas e, até mesmo, os 75% verificados na Europa nos confrontos armados do século XVIII, sem levar em conta estarem incluídos hoje, entre os combatentes, soldados e guerrilheiros.

Por outro lado, a direção suprema da guerra passou das mãos dos chefes militares para a dos líderes políticos.

Tornando-se a segurança de cada país responsabilidade do cidadão, o preparo e a mobilização do Poder Nacional impõem o esforço conjunto de todas as formas de expressão de poder – econômico, científico-tecnológico, militar, político e psicossocial. A História Militar, ao contrário do que muitos pensam, não é domínio exclusivo dos militares.

A História Militar não mais deve ser confundida com história dos militares nem com a mera história das batalhas. Hoje, ganhou nova dimensão, ampliando seu restrito campo de investigação de ontem. Múltiplos pontos em comum são encontrados com a História Geral e outros ramos do conhecimento.

Vale salientar que o estudo de História Militar envolve mais do que meramente testemunhos operacionais. Compreende também o estudo de aspectos

institucionais do estamento militar e das relações entre civis e soldados, na paz e na guerra, do sistema militar forjado pela sociedade e as opções estratégicas e táticas adotadas em operações.

Em suma, o estudo de História Militar apresenta tanto valor educacional como utilitário. Permite apreciar a guerra como um todo e relacionar suas atividades em períodos de paz, dos quais irrompe e aos quais, inevitavelmente, retorna.

A História Militar também ajuda a desenvolver um modo de pensar profissional, ou seja, uma atitude mental. No campo da liderança, mostra a grande importância do caráter e da integridade. Estudada em profundidade, a História Militar permite ver a guerra, segundo a decantada expressão de Clausewitz, *como um camaleão, um fenômeno que alimenta e suga a sociedade que a provoca*.

Assim, a História Militar assumiu maior importância, viu-se inseparável do contexto histórico dos povos, ultrapassou os umbrais dos estabelecimentos de ensino militar, penetrou nas universidades dos países desenvolvidos e despertou o interesse tanto dos meios acadêmicos quanto das classes armadas.

Ao longo dos tempos, a História Militar teve altos e baixos e desempenhou importante papel na formação de chefes militares e de líderes políticos.

No período entre as duas guerras mundiais, ocupou lugar de relevo nos currículos dos principais estabelecimentos de ensino militar como um simples prolongamento da história política, em resposta à definição que Clausewitz deu à guerra. Daí resultou um certo enclausuramento do seu estudo.

Após a Primeira Guerra Mundial, nos trabalhos universitários, o estudo da guerra ficou restrito, durante muito tempo, ao domínio da História Geral. A História Militar orientou-se para o lado técnico, ficando restrita quase que exclusivamente aos historiadores militares.

No início deste século, a opinião pública mostrava-se desinteressada pela História Militar, exceto na Alemanha, vitoriosa em 1870, e na França, animada por um espírito revanchista.

Apesar de a Primeira Guerra Mundial ter suscitado a publicação de inúmeras obras – biografias, memórias e estudos de inegável valor –, as pesquisas em História Militar nas universidades foram raras, arrimadas por certa repulsão ao holocausto de 1914-18, dando margem ao conseqüente surgimento de um espírito antimilitarista ou pacifista, sendo o estudo da guerra quase banido dos programas universitários.

Dessa forma, em 1940, a França se preparou para a guerra que passara e não para a futura conflagração mundial. Acusa-se injustamente a História Militar de ser responsável pelos erros cometidos, sem levar-se em conta que o curso de História Militar da famosa *École Supérieure de Guerre* de Paris havia sido extinto.

Aqui entre nós, embora já constasse dos currículos da Academia Militar do Brasil da primeira metade do século XIX (1842), o interesse pelo estudo da História Militar só foi despertado com o advento da Missão Militar Francesa após a Primeira Guerra Mundial.

Nos anos posteriores ao conflito de 1939-45, a matéria não recebeu tratamento igual em toda parte.

Na União Soviética e nos países do Leste Europeu, o estudo de História Militar foi estimulado como meio de propaganda. Nos países anglo-saxônicos, diante da desmoralização e das campanhas contra o serviço militar obrigatório, os interesses se concentraram nos efeitos da guerra sobre as populações. Apenas a Sociologia e a Psicologia deram mais atenção ao fenômeno guerra, aparecendo a figura de Janowitz, nos Estados Unidos, e Gaston Bouthoul, na França.

Após 1917, a guerra tomou outra feição, sob a influência de Lenin, Mao Tsé-tung e Che Guevara, não fazendo distinção entre civis e militares ou entre tempo de guerra e de paz, enfatizando a subversão, a resistência e o terrorismo. Tal transformação levou os pensadores militares a se interessar pelo estudo de uma nova modalidade de guerra, a guerra revolu-

cionária, em seus aspectos sociais, morais estruturais e não conjunturais.

Não obstante, de maneira geral, a História Militar não recebeu a merecida atenção. E isso deveu-se, em parte, à explosão das informações nas múltiplas áreas de conhecimento, que compeliu os militares a dominá-las e, por outro lado, ao predomínio da especialização sobre a generalização, resultante do avanço desenfreado da ciência e da tecnologia, fatores determinantes da revisão dos currículos escolares. Ademais, o estudo das experiências passadas tornou-se irrelevante. Nas academias e institutos de altos estudos militares, o ensino e a aprendizagem da História Militar ficaram limitados a apresentações de casos históricos sem maior profundidade, na introdução de certas unidades didáticas, para despertar a motivação dos discípulos. As universidades nenhuma ou pouca atenção lhe deram até algumas décadas atrás, sob o pretexto de ela se restringir à análise das batalhas, o que interessava apenas aos profissionais das armas.

Os militares estão pagando elevado preço por haverem negligenciado o estudo da História Militar na formação dos seus quadros de oficiais de estado-maior e sentem a necessidade de rever os currículos de diversos cursos, acrescentando-lhe a carga horária que tão importante disciplina reclama. O estudo da História Militar proporciona ampla base cultural e técnico-profissional e desenvolve o poder de análise e percepção, contribuindo para a tomada de decisões em situação crítica.

Nas últimas décadas deste final de século e de milênio, constata-se, em todo o Primeiro Mundo, um despertar generalizado nas escolas militares e nas universidades para o estudo da História Militar, experimentando os cursos de pós-graduação nesse ramo da História crescente demanda, particularmente por civis.

A situação começou a mudar na década de 1970. Em conseqüência dos movimentos contestatórios de 1968, os cursos de História Militar no âmbito das Forças Armadas foram reavaliados e

jovens oficiais sentiram-se encorajados a se graduarem nas universidades.

Na realidade, as coisas não foram assim tão fáceis. Os encontros entre militares e universitários viram-se marcados por uma certa incompreensão. A história dos militares afigurava-se aos soldados como um complemento útil porém secundário à História Militar. Nas universidades, por outro lado, os pesquisadores não arriscavam a incursionar fora da história social das Forças Armadas para abordar o aspecto capital da História Militar ligado à finalidade das instituições militares, que é o estudo da guerra.

Mas ao final, todos lucraram. Os militares fizeram com que os universitários compreendessem a especificidade da psicologia dos combatentes, enquanto que os acadêmicos transmitiam aos militares a sua grande problemática e os seus métodos de pesquisa. O resultado desse troca de experiências redundou no progressivo desenvolvimento da História Militar que, pouco a pouco, incorporou aspectos da História Geral.

Assim começou a florescer a História Militar nas universidades. Nelas surgiram centros de estudo de defesa nacional e de História Militar, como o de Montpellier. Todavia, os acadêmicos que responderam ao apelo foram, sobretudo, os juristas e os sociólogos – nem tanto os historiadores.

Nos países totalitários do Leste, a palavra de ordem foi dar uma interpretação marxista aos fatos, bem como exaltar os sacrifícios efetuados durante as guerras de libertação e na luta contra o nazismo. A pesquisa foi incentivada mas também controlada, ao contrário do que ocorreu nos países anglo-saxônicos, onde a História Militar oficial se mostrou muito mais discreta, havendo ampla liberdade de pesquisa.

Em geral, pode-se dizer que a tutela oficial sempre se mostrou menos intensa no estudo de épocas antigas do que no das mais recentes.

Uma visão global da História Militar não é obtida apenas analisando-se o desenvolvimento no

campo da pesquisa histórica, mas, igualmente, pela confrontação entre o pensamento dos historiadores de diferentes nacionalidades. A visão da História Militar deve ser global, tanto no plano internacional como no plano temático.

Somente no princípio do século XIX ela ganhou espaço próprio. Coube a Jomini, o famoso *adivinho de Napoleão*, a divisão da História Militar em três grandes categorias: *História das Batalhas*, *História da Arte da Guerra* e *História Político-Militar*. Enquanto o suíço Jomini dedicou-se à estratégia militar, o prussiano Clausewitz voltou-se para o desenvolvimento da teoria da guerra, ocupando-se dos aspectos básicos dos conflitos entre as nações.

Até o princípio do século XX, reduzido número de pensadores se preocupou com a ampliação do campo da História Militar, predominando a idéia positivista de “saber para prever, a fim de prover”.

Em 1914, surgiram as primeiras tentativas de relacionar a História Militar com a política externa das nações e a arte da guerra. Na Alemanha, Hans Delbrück alargava os domínios da História Militar ao pesquisar a correlação das operações de guerra com a política. Na França, Jean Jaurès, o líder socialista da época, desenvolveu a teoria de que as instituições militares só seriam reconhecidas quando traduzissem as aspirações nacionais, fazendo ressurgir o conceito de nação em armas.

Após a Primeira Guerra Mundial, o russo Frunze, legando o nome à Academia Militar de seu país, lançava os fundamentos de novo conceito de História Militar, com base na linha do pensamento marxista-leninista e no princípio clausewitziano de que *a guerra é a extensão da política*. Embora, ao final da Segunda Guerra Mundial, Stalin refutasse o princípio da teoria de Clausewitz, dado ao sentimento antigermânico reinante na União Soviética, os russos defendem a abordagem da História Militar como o inter-relacionamento do poder militar com o político. Até então, a História Militar era encarada

como um meio para se avaliar o poder relativo de combate entre beligerantes, restrito ao estudo das batalhas e campanhas.

A História Militar como fundamento para o estabelecimento de doutrina militar só viria, realmente, a aparecer na Inglaterra, durante a década de 1920, com J. F. C. Fuller, que advogou a transformação da arte da guerra em ciência para seu melhor entendimento e aplicação.

Na virada do século, os norte-americanos Alfred Thayer Mahan e Walter Millis buscaram relacionar a História Militar com a Estratégia e a Política.

Depois da Guerra da Coréia, a História Militar entrou em declínio, por causa do pensamento dominante de que se tratava de disciplina voltada exclusivamente para o estudo da guerra em si, a despeito da ampliação do seu campo.

O conflito do Vietnã veio contribuir sobretudo para se retomar a debate a respeito da natureza da História Militar, acentuando a importância da análise da relação entre a guerra e a sociedade, entre o cidadão e o soldado.

A corrida armamentista nuclear e a Guerra Fria impuseram nova interpretação da História Militar e a reavaliação do seu estudo.

Em 1971, o imaginativo crítico Peter Paret salientou que a História Militar vinha despertando mais atenção dos civis que dos militares. Paradoxalmente, enquanto crescia o interesse nos meios acadêmicos civis pelo assunto, este decrescia nos estabelecimentos de ensino militar. As universidades criavam e estimulavam os primeiros cursos de pós-graduação em História Militar.

Na atualidade, o conhecido historiador inglês John Keagan, sustentando as premissas de que a guerra é um conflito de culturas e de que *a história controversa dos conflitos de personalidade da Segunda Guerra Mundial ainda não foi escrita*, bem como a propalada teoria de Huntington do *choque das civilizações*, volta-se a aguçar a atenção da comunidade acadêmica para o estudo de História Militar.

Este *fin-de-siècle*, usando a expressão criada por Paul Verlaine ao término do século XIX como sentido de decadência, não sugere realidade diferente.

O quadro acre de hoje que se configura no horizonte é de cinzas e melancolia, apesar da revolução da bioengenharia, da cibernética e da informática. Os Estados-nação, após décadas de confrontos e de esforços pela paz mundial, não encontraram ainda uma solução definitiva para o bem comum, permanecendo o mundo em crise.

Assim, passa-se da euforia que os avanços científico-tecnológicos trouxeram com a globalização e a modernização para a desesperança conseqüente do alastramento do fantasma do desemprego e da permanente ameaça de instabilidade sociopolítico-econômica, que leva a uma atitude cautelosa de expectativa quanto ao porvir. O futuro se afigura tão incerto como ao final do século passado. Fala-se em fim da História, com a queda do muro de Berlim, o desaparecimento fictício das ideologias e o início de nova era de paz e prosperidade internacionais. Mas, se o padrão de vida da humanidade não melhorar sensivelmente a médio prazo e se a justiça não prevalecer, não há dúvida de que o mundo, infelizmente, caminhará em direção a novos conflitos. Dessa forma, é recomendável difundir-se o estudo da História Militar entre civis e militares, de modo a torná-la um instrumento mais útil no relacionamento futuro entre o soldado e o Estado.

A História provém da História Militar, ensinava Pedro Calmon.

L. P. Macedo Carvalho – Coronel de Artilharia e Estado-Maior, é natural do Rio de Janeiro.

Iniciou sua carreira militar na Academia Militar das Agulhas Negras, tendo sido declarado Aspirante-a-Oficial em 1954. Coursou a ECEME, a ESG, além de cursos na Inglaterra como oficial de Estado-Maior: Staff College e Royal Army Educational Center.

É bacharel em Ciências Políticas e Econômicas pela Faculdade Cândido Mendes. Atualmente é Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e Conselheiro da Fundação Cultural Exército Brasileiro.